

# AS DESCRIÇÕES FONOLÓGICAS DO PORTUGUÊS DO CEARÁ: DE AGUIAR A MACAMBIRA

## Abstract

*This study is a reading of the works that more subsidies offer for a phonemic description of the speech of Ceará. The first of them, written by Martinz de Aguiar, is called "Fonética do português do Ceará". It is a piece of research whose comments are valid until today, although it was carried out at a time in which phonemic descriptions in Brazil lacked all technical resources. The second is Seraine's study "Contribuição ao estudo da pronúncia cearense", a piece of research that follows Aguiar's theoretical principles, but that is certainly useful for the wealth of data that it presents. Finally, comments are made on Macambira's book "Fonologia do português", that is also based on the standard dialect of Fortaleza, even though it has a well wider aim.*

**Palavras-chaves:** falar cearense; fonologia; gramática; língua portuguesa.

Ao contrário do que sucede em algumas regiões brasileiras, o português falado no Ceará tem sido objeto de especulações e pesquisas, de que decorreu naturalmente um número considerável de estudos e ensaios. A maioria desses trabalhos se concentra no léxico, identificando regionalismos, nem sempre exclusivos do falar cearense. Mas boa parte deles se volta para o registro da pronúncia, analisando os fenômenos fonológicos que aqui ocorrem, embora também nem sempre de forma exclusiva.

Nos comentários que se seguem, vamos destacar as pesquisas que a nosso ver melhores subsídios ofereceram sob esse aspecto. Nosso propósito, mais do que simplesmente resenhá-las, é o de traçar um percurso que nos permita avaliá-las em seus devidos termos, resgatando o que, de maneira injusta, cada vez mais vai sendo relegado ao esquecimento.

A primeira e uma das mais lúcidas dessas investigações se deve a Martinz de Aguiar e analisa as características fonéticas do português cearense. Integrando o livro *Repasse crítico da gramática portuguesa* (1922), o ensaio foi refundido e republicado em 1937 na *Revista do Instituto do Ceará*. É sobretudo impressionante como, numa época em que as

pesquisas dialetológicas no Brasil careciam de todos os recursos técnicos, haja surgido um trabalho cujas observações e conclusões são em grande parte válidas até hoje. Com efeito, os fatos descritos em "Fonética do Português do Ceará" têm tanta consistência e amplitude, que os estudos posteriores talvez mais não fizeram do que redescobri-los e confirmá-los.

Tome-se, por exemplo, o caso da abertura das vogais pretônicas que, para muitos, é um traço dialetal do Ceará. Martinz de Aguiar começa por dizer que o fenômeno não é restrito ao falar cearense. Assinala que, em outras regiões (como os Estados do Maranhão, Piauí e na Bahia), também as pretônicas em geral são abertas:

*No Maranhão se encontra bôtar, embora se diga menos freqüentemente do que butar, e é só bôtar o que se ouve no Piauí e na Bahia (AGUIAR, 1937: 273).*

Em seguida, Martinz de Aguiar consegue delimitar os ambientes fonéticos em que se realiza o fenômeno, estabelecendo a regra de que as vogais tônicas (por um processo de assimilação ou metafoia) comunicam o seu timbre às pretônicas. E arrola várias dezenas de palavras que comprovam a justeza de sua dedução: *sêcrêtário, lèvar, bèdel, mòrtalha, sòldado* etc., mas *rêbôco, sôfrêr, còlôssô, dôlôrôso* etc. Em continuação, ocupa-se o autor das peculiaridades de cada fonema, não apenas constatando mas também interpretando os desvios em relação à língua padrão.

Há ainda do autor outros trabalhos que, embora de passagem, identificam fenômenos fonológicos freqüentes ou ausentes no falar cearense. Assim, por exemplo, no artigo "Os sinais de Galvão", ao deter-se na explicação de vários termos da linguagem rústica, Martinz de Aguiar diz que a passagem de /r/ a /l/ em *galça* (garça) não é fenômeno corrente no Ceará, onde o /r/ pode cair mas nunca se altera.

Em todas as suas observações, o que se constata é um notável senso de percepção e de espírito científico. Mesmo sem um laboratório fonético especializado, percebe a ocorrência de variantes ou alofones e trata inclusive das interferências do ritmo e da sintaxe nas mudanças fonéticas. Levando em

conta a época em que realizou suas investigações, suas inferências surpreendem e em geral ainda hoje são válidas.

Por tudo isto, os estudos de Martinz de Aguiar deveriam atualmente despertar um maior interesse dos fonólogos e dialetólogos. Quando não pelo que se disse, pelo menos porque constituem, para as pesquisas mais recentes sobre o falar cearense, uma base de confrontação em que os dados atuais podem ser cotejados com os que se verificaram há mais de setenta anos.

Feitas essas considerações a respeito do trabalho pioneiro de Martinz de Aguiar, vamos agora destacar algumas pesquisas de Florival Seraine, a nosso ver, um dos estudiosos que mais se dedicaram às investigações dialetológicas no Ceará. Com efeito, é tão vasta a sua produção que, para comentá-la, teríamos que ordená-la cronologicamente ou classificá-la segundo a temática explorada.

Como, porém, estamos aqui tratando apenas das questões de ordem fonológica, desprezamos esta preocupação, correndo o risco de não transmitir uma idéia justa e precisa do monumental trabalho que desenvolveu, já que suas observações sobre a pronúncia cearense talvez não encerrem o que produziu de mais relevante.

Seja como for, frisamos que, já em julho de 1937, Florival Seraine apresentou ao Congresso da Língua Nacional Cantada, realizado em São Paulo, um trabalho intitulado *Contribuição ao estudo da pronúncia cearense*. Esta comunicação mereceu da parte do autor alguns reparos e, acrescida de um capítulo sobre morfologia e sintaxe e de outro sobre os brasileirismos usuais no falar cearense, passou a integrar o livro *Estudos cearenses*, publicado em 1942.

Trata-se de uma descrição que segue as linhas gerais propostas por Martinz de Aguiar, mas certamente se revela útil pela riqueza de dados coligidos, conquanto algumas deduções talvez não sejam aceitas pacificamente. Assim, ao inquirir a respeito das causas que determinariam as alterações fonéticas na fala rústica, Florival Seraine (1942:17) nos dá a seguinte interpretação:

*A alimentação, deficiente e pouco nutritiva em geral, naturalmente concorre para modificações em nossa físiopsicologia e, quem sabe, determinará, ao lado de outros fatores, através de gerações, não só uma imperfeita conformação dos órgãos vocais, como hábitos adquiridos, que irão prejudicar a mais e mais, a emissão normal dos fonemas.*

Se esta hipótese nos parece difícil de ser comprovada, convém entretanto observar que, muitos anos depois, foi retomada pelo autor, que novamente a defendeu com base nas investigações de Georges Straka. Insiste Florival Seraine (1985: 124 s) que os estados prolongados de fadiga devidos às deficiências de nutrição repercutem no funcionamento dos circuitos neuro-musculares de indivíduos isolados e, conseqüentemente, de toda uma população sujeita aos mes-

mos fatores determinantes. Citando Georges Straka, admite que nessas condições as novas gerações produzem movimentos articulatórios cada vez menos enérgicos, não só em razão das deficiências da função motriz, mas também por causa da ineficiência do controle dessa função exercido pelos centros nervosos receptores e associativos.

De modo análogo, ao qualificar a pronúncia cearense como *cantada, lenta e arrastada*, imagina o autor que tais características sejam conseqüência natural do fenômeno das secas:

*As repetidas secas – fonte de vivos padecimentos – ocasionaram, sem dúvida, o tom plangente ouvido na fala de certas pessoas, mormente do sertão (SERAINE, 1942:16).*

Quanto à descrição dos fatos fonéticos, nem todos parecem específicos do falar cearense. Assim, por exemplo, a redução do ditongo /ay/ à vogal silábica, a abertura das pretônicas e a vocalização ou iotização do /r/. Nada obstante, só a amplitude com que o assunto é tratado já o torna da maior utilidade. Todos os fonemas são analisados detidamente, embora ainda se perceba a identificação do fone com o simples grafema, sendo tratados os dígrafos *lh* e *nh* como se fossem grupos consonânticos. Por outro lado, abundantes são as exemplificações para os metaplasmos que freqüentemente ocorrem: aférese (*custu-má-du* > acostumado) epêntese (*cu-tru-via* > cotovia); hipêntese (*ci-lô-ra* > ceroula); paragoge (*sô-men-tis* > somente); síncope (*pá-çu* > pássaro); apócope (*ri-dí-cu* > ridículo); assimilação (*a-la-mão* > alemão) etc.

Florival Seraine também se dedicou às variantes fonológicas que demarcam linhas isoglóssicas no Ceará, especialmente o caso da região do Cariri. Alimentou, em função disso, o ideal de organizar um atlas lingüístico e chegou a publicar o artigo "Introdução ao Atlas Lingüístico e Folclórico do Cariri". Segundo suas diretrizes metodológicas, pretendeu ele trabalhar com o aspecto diastrático, levando também em consideração o critério etário. Entre os fenômenos que levantou e que considerou peculiares ao Cariri, embora com certeza ocorram em outras localidades brasileiras, citamos a pronúncia do /t/ dental antes da vogal /i/ e a vocalização do /l/ e /r/ pré-consonânticos que, em final de sílaba, sofrem iotização: *saygádu* (salgado), *seykádu* (cercado) *poyku* (porco), *kuypádu* (culpado) etc.

Com idênticos objetivos de ordem sociolingüística, em "Relações entre níveis de norma na fala atual de Fortaleza", Florival Seraine enumera, entre os fatos que tipificam a norma culta de Fortaleza por oposição à de outras cidades brasileiras, os seguintes: a supressão do /r/ final do infinitivo, a exemplo de /*ãmá*/ /*kumê*/, /*subí*/, /*pô*/, fenômeno observável também nos nomes (/*ãmô*/ /*likô*/, /*kulhé*/ etc.); sínco-pes como em /*xíkra*/ e /*lawkâtra*/; nasalizações por contigüidade (/*semãna*/, /*bãna*/); iotizações (/ *tãmäyu*/ ou /*tãmäy*/, /*kôteya*/, /*pöyu*/); redução dos ditongos /*ey*/ e /*low*/ etc.

Para concluir esta parte, não podemos deixar de ressaltar que Florival Seraine também trouxe valiosos subsídios para a comprovação do caráter arcaizante do português falado no interior do Ceará, principalmente em seu estudo intitulado "A Relação do Maranhão do Padre Luís Figueira e o falar cearense atual". O texto analisado é um documento redigido pelo padre jesuíta Luís Figueira e enviado ao Preposto Geral da Companhia de Jesus, Cláudio Aquaviva, em 1608. A "Relação do Maranhão" encerra a narrativa de uma malograda expedição ao sertão nordestino, vivida pelo missionário e seu companheiro de viagem, o Pe. Francisco Pinto. O original faz parte do arquivo SJ. Romanorum e foi entregue ao Barão de Studart, historiador cearense, pelo jesuíta P. J. B. van Meurs, por ordem do Superior Geral da Companhia de Jesus.

Com sua familiaridade pelos fenômenos dialetais, Florival Seraine destacou do documento inúmeros arcaísmos que ainda vigoram na fala popular do Ceará. E, para melhor fundamentar o caráter arcaizante dos exemplos anotados, cita abonações de escritores portugueses anteriores ao classicismo.

São, entre muitos, os seguintes fatos observados:

- a) *dissimilação* (menhã, rezão, ferosa, prepósito etc. por manhã, razão, formosa, propósito);
- b) *permuta do o por u*, normal na pronúncia cearense (cuberto e costumava se lêem no manuscrito do Pe. Luís Figueira);
- c) *redução do ditongo /ey/* (aldea, mea, chea, candeia etc.) e do ditongo crescente /wa/ (coresma em vez de quaresma);
- d) *conservação do ditongo /uy/*, já reduzido a /u/ na norma culta (fruta, fruitazinha, fruto);
- e) *permuta do /l/ por /r/ em grupos consonânticos* (frecha, prantar etc.).

Depois de analisar a contribuição de Florival Seraine, vamos passar à última etapa de nosso percurso, detendo-nos um pouco na leitura de José Rebouças Macambira que, seguidor e divulgador dos princípios do estruturalismo, revela seu gosto e preocupação pelos estudos fonológicos em diversas passagens de sua produção lingüística. Assim, em seu livro *A estrutura musical do verso e da prosa* (Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1984), dedica-se a interpretações dos fenômenos de fonética sintática, dos inúmeros aspectos que envolvem a sinérese e diérese, sempre tentando demonstrar a tendência para o ritmo binário na cadência melódica da frase portuguesa. Em *A estrutura do polifônio*, tese de Livre Docência até hoje inédita, detém-se na análise dos grupos vocálicos, inventariando-os de forma exaustiva e reformulando a tipologia tradicional que deles prevê apenas três espécies (o ditongo, o tritongo e o hiato), mediante o uso de uma nomenclatura rebarbativa que, talvez por isso, parece relegada ao esquecimento. Mas é em seu livro *Fonologia do português* que leva a termo de modo mais amplo, minucioso e consistente a tarefa de descrever os fonemas de nossa língua.

Queremos comentar alguns pontos dessa última obra, não só pelas características que acima indicamos mas sobretudo pelo fato de basear-se em dados do português culto de Fortaleza, embora admita o autor que suas conclusões podem transferir-se, com ligeira adaptação, para dialetos de qualquer região do país, graças à unidade lingüística nacional (p. 8).

O livro tem caráter nitidamente didático. Inicia com uma explicação pormenorizada sobre o funcionamento do aparelho fonador, destacando o papel de cada órgão na produção dos sons lingüísticos, para em seguida proceder à tarefa de classificar e transcrever os vocóides e contóides portugueses. Estabelece as regras alofônicas das vogais orais e nasais, bem como das consoantes, fazendo uma distinção precisa entre os fonemas e seus alofones e definindo as possibilidades de realização de cada um deles consoante o ambiente em que se encontram. Passa depois ao estudo dos vocábulos átonos, evidenciando em cada classe gramatical os monossílabos, dissílabos e até polissílabos que não têm acentuação própria. Trata ainda da falta de correspondência biunívoca entre fonema e grafema, indicando os vários tipos de dígrafo vocálico ou consonântico para só então deter-se na estrutura da sílaba portuguesa e reconhecimento dos padrões silábicos. A abrangência de conteúdo do livro é tal que até o simbolismo fonético ou poder evocatório dos fonemas não foi esquecido, embora os efeitos sugeridos pelo autor pareçam em muitos casos subjetivos ou impressionísticos.

Entretanto, o que sem dúvida mais interessa ao estudo do dialeto cearense é o capítulo intitulado "Os três estados fonológicos", em que Macambira descreve o fenômeno da abertura das vogais pretônicas e pré-finais. Os estados são qualificados como *operiente* (quando as ditas vogais são pronunciadas como médias fechadas: /ser'vix/, /'sofregu/), *ascendente* (quando passam a altas: /bu'tax/, /'perula/) e *aperiente* (quando são médias abertas: /agre'sivu/, /'kaxseri/).

Os fatores capazes de explicar a ocorrência de cada um desses estados fonológicos são, conforme o autor, a harmonização vocálica, a interferência morfológica e a interferência analógica.

A harmonização vocálica, que outra coisa não é senão um processo de assimilação, determina na maior parte dos casos não só a regra de abertura das vogais pretônicas e pré-finais, mas também as exceções. Assim, em *leve* /le'vei/ e *note* /no'tei/, as pretônicas se fecham por influência da tônica, o mesmo acontecendo com as pré-finais de *sôfrego* /'sofregu/ e *êxodo* /'eizodu/. Mas a harmonização vocálica não explica o estado ascendente, pois existem muitas palavras em que as tônicas não são /i/ nem /u/ e, a despeito disso, as pretônicas se alteiam como, por exemplo, em *botar* /bu'tax/ e *dedal* /di'dau/. Entende o autor que o /e/ parece estar menos sujeito do que o /o/ a alrear-se, pelo menos na pronúncia cearense. E cita o caso de *dever* /de'vex/, em que se esperava /di'vex/, com vogal alta pretônica, paralelo a /pu'dex/.

A interferência morfológica se dá entre vocábulos cognatos, quase sempre do primitivo sobre o derivado, como em *mesada* /me'zada/ e *cebola* /sibo'lau/, em que as pretônicas, apesar das tônicas abertas, são fechadas por causa da influência dos primitivos *mesa* e *cebola*. É de notar, porém, que muitos dos exemplos dados pelo autor podem igualmente explicar-se por harmonização vocálica: *peludo* /pe'ludo/, *tolice* /to'lisi/, *doçura* /do'sural/, *negrume* /ne'grumi/ etc. Em outros casos, pode haver variação, como o próprio autor percebeu em *bobagem*, *bolorento*, *apoiamos* e *boiada* que, sem mudança de significado, ora se pronunciam com as pretônicas fechadas, ora com as pretônicas abertas. Ou em outros vocábulos que sofrem especialização semântica conforme a pronúncia da pretônica: /ver'dura/ é substantivo abstrato sinônimo de *verdor*, enquanto /ver'dural/ é concreto e significa *hortaliça*.

Quanto à interferência analógica, os exemplos são tão raros e a explicação tão discutível que talvez fosse melhor não levá-la em consideração. Até que ponto é verdade que *artesão* /axte'zãu/ se pronuncia com [e] por força da influência de *cortesão*? A analogia, a nosso juízo, só pode ser invocada quando de fato houver consciência de que os dois termos se aproximam não apenas em termos fonológicos mas também semânticos e, além disso, é necessário verificar em que medida a frequência de uso de um vocábulo permite projetar alguma alteração na pronúncia de outro. Como pode a palavra *cortesão*, de emprego atual quase nulo entre nós, condicionar o fechamento da pretônica de *artesão*?

Feitas essas ressalvas, as interpretações de Macambira sobre os aspectos fonológicos que identificam o falar de Fortaleza nos parecem pertinentes. Mas ainda há pelo menos dois pontos discutíveis que devemos comentar.

O primeiro consiste na decisão de generalizar e tratar como vogais abertas todos os vocóides médios posteriores, inclusive os que ocorrem em vocábulos como *merecer*, *doloroso* e *houver*. Justifica-se o autor, dizendo que não está fonemizando a pronúncia sulista nem muito menos propondo ortografia nacional. E acrescenta:

*O nosso propósito é ser coerente com a realidade fonológica do Ceará, tirando sem receio as conclusões impostas pela realidade local.*

*Grafar todo vocóide médio átono como vogal fechada é trair a nossa identidade fonética e tomar decisão cômoda e fácil, acobertada pela prestigiosa pronúncia sulista, cujo e e o átonos são regularmente fechados. (p. 106).*

Em diversas passagens de sua obra, Macambira advoga os princípios da coerência e da economia ou simplicidade descritiva. Aqui, entretanto, julgamos que tais princípios não estão sendo levados em conta e até ficamos na dúvida, sem saber se o autor está de fato tratando do fone em si ou do grafema que o representa.

O outro ponto discutível se refere à hipótese da inexistência do ditongo /ow/ que, para nós, ainda ocorre tanto em sílaba tônica (*estou*) quanto em sílaba átona (*voltei*), embora admitamos que esteja em variação com a pronúncia monotongada. Macambira se apóia em Edwin Williams (*Do latim ao português*) e em Filipe Franco de Sá (*A língua portuguesa*). O primeiro afirmou que a semivogal começou a desaparecer provavelmente no fim do século XVI, sobrevivendo agora apenas ao norte de Portugal. O segundo, já em 1915, foi taxativo em dizer que OU não se pronuncia como ditongo, tendo o som de uma vogal simples.

Com base nesses depoimentos, Macambira transcreve fonemicamente /'loza/ (p. 84), /'ovi/ e /'koru/ (p. 101) e assim procede toda vez que na grafia oficial aparece o dígrafo *ou*. Diz que seus argumentos (a rima perfeita de *avô* e *vou* ou de *esposa* e *repousa*, a hesitação na escrita de termos como *couro* e *coro* e a anedota que aproveita o trocadilho de *ouço* e *osso*) convencem qualquer aluno.

Em linhas gerais, porém, são poucos os itens discutíveis da proposta que Macambira levou a termo. A segurança doutrinária que caracteriza toda a sua produção lingüística é um aval para que suas investigações mereçam sempre respeito e admiração. Ele representa o fim do percurso que traçamos. Depois dele, tudo o que se disser sobre a fonologia do português cearense talvez seja mera repetição.

## Referências bibliográficas

- AGUIAR, Martinz de (1934). Os sinais de Galvão. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 48 (48): 29-37.
- (1935). Os sinais de Galvão. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 49 (49): 165-88.
- (1937). Fonética do português do Ceará. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 51 (51): 271-307.
- MACAMBIRA, José Rebouças (1984). *A estrutura musical do verso e da prosa*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto.
- (1985). *A estrutura do polifônio*. Fortaleza: UFC. (mimeo.)
- (1987). *Fonologia do português*. 2ª ed. rev. Fortaleza: Imprensa Universitária.
- SERAINÉ, Florival (1942). *Estudos cearenses* (Temas de linguagem). Ceará, s/ed.
- (1970). A Relação do Maranhão do Padre Luís Figueira e o falar cearense atual. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 84 (84): 21-55.
- (1972). Introdução ao Atlas Lingüístico e Folclórico do Cariri. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza, 86 (86): 5-23.
- (1982). Relações entre níveis de norma na fala atual de Fortaleza. *Revista do Instituto do Ceará*. Fortaleza 96 (96): 36-57.